



## **Análise da interação dos alunos surdos em Criciúma/SC: perspectiva na pedagogia**

## **Analysis of the interaction of deaf students in Criciúma/SC: perspective in pedagogy**

eLocation-id: e0017

DOI <http://dx.doi.org/10.5965/19843178172021e0017>

**Geisielen Santana Valsechi**

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

geisielenvalsechi@gmail.com - [ORCID](#)

### **RESUMO**

Este artigo é resultado de pesquisa do campo de análise da interação dos alunos surdos, realizada nas dependências de duas escolas públicas: a primeira, de Ensino Fundamental, localizada próxima ao centro da cidade de Criciúma - SC, e a outra, de Ensino Médio, localizada no centro de Criciúma - SC. Para a coleta de dados, foram realizadas observações e entrevistas com os alunos surdos, além da aplicação de questionários aos professores ouvintes e intérpretes, tendo em vista avaliar a qualidade da educação para surdos com a perspectiva pedagógica. De modo geral este artigo também apresenta os profissionais que estão envolvidos com a educação dos surdos, como é o caso do professor da classe regular com surdos incluídos, podendo ele representar interpretações variadas, conforme as diferentes culturas e diferenças sociais representadas em aula; além também da presença do intérprete de Libras que representa a ponte de comunicação, mas que a educação não apoiar-se neste profissional para eximir-se do esforço que deve ser coletivo. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a pesquisa de campo com aplicação de questionários aos participantes da pesquisa, além de consultas às referências da área, como Perlin (1998), Skliar (1998), Goldfeld (2002), dentre outras.

**Palavras-chave:** Surdez; Interação; Pedagogia;

### **ABSTRACT**

This article is the result of research on the field of analysis of deaf student interaction, carried out in the premises of two public schools: the first elementary school, located near the city center of Criciúma - SC, and the other, high school, located in the center of Criciúma - SC. For data collection, observations and interviews were made with deaf students, in addition to the application of questionnaires to listening and interpreting teachers, in order to evaluate the quality of deaf education from the pedagogical perspective. In general this article also presents the professionals who are involved with deaf education, as is the case of the regular class teacher with deaf included, who may represent varied interpretations, according to the different cultures and social differences represented in class; In addition to the presence of the interpreter of Libras that represents the bridge of communication, but that education does



not rely on this professional to avoid the effort that must be collective. The methodology used in this research was the field research with questionnaires applied to the research participants, besides consulting the references of the area, such as Perlin (1998), Skliar (1998), Goldfeld (2002), among others.

**Keywords:** Deaf; Interaction; Pedagogy.

## INTRODUÇÃO

A Pedagogia acompanha as tendências da sociedade e desdobra-se em diferentes visibilidades, como a pedagogia dos surdos, por exemplo, na elaboração do currículo, prática, disciplina, comunicação visual, linguagem, sua pedagogia e didática. Considera-se, aqui, que a surdez não consiste somente em uma deficiência sensorial, mas, sim, em algo mais complexo, pois consequências sociais da condição da surdez podem fazer com que o sujeito não consiga se comunicar com a sociedade de um modo geral, causando isolamento e discriminação. Pois como Lodi e Lacerda (2010, p. 14), observam:

Desde cedo, a criança ouvinte tem a oportunidade de conviver com a língua utilizada pela sua família. O interlocutor adulto colabora para que a linguagem da criança flua, oportunizando atitudes discursivas que favorecem o desenvolvimento e a apropriação de aspectos socioculturais e linguísticos importantes as crianças surdas, em geral, não têm possibilidades para esse/a desenvolvimento/ apropriação, já que na maioria das vezes não têm acesso à língua utilizada por seus pais (ouvintes).

Ou seja, pelo fato de os surdos viverem em um mundo completamente visual gestual, seu sistema cognitivo se desenvolve de um modo totalmente visual, ao contrário dos ouvintes que utilizam a audição para se comunicar. Por viverem em uma comunidade na qual são minorias, as chances de ocorrer uma comunicação imprópria são grandes e, caso isso ocorra, haverá consequências para o crescimento intelectual, social e emocional dessa pessoa.



A aquisição de uma língua, no caso a de sinais, é de extrema importância para o desenvolvimento de uma identidade pessoal surda. Somos seres sociais e, por isso, os surdos precisam se identificar com uma comunidade social específica e, com ela, interagir de modo pleno, ou seja, precisamos de uma identidade cultural, e para isso não basta uma língua é uma forma de alfabetização, mas, sim, um conjunto de crenças e conhecimentos comuns a todos.

De acordo com Perlin (1998):

Tendo como conceito de identidade cultural um conjunto de características que definem um grupo e que incidem na construção do sujeito, sejam elas as que identificam ou as que excluem [...] O surdo se constitui dentro de um espaço social onde se vê como parte diferente do mesmo. Esse espaço social, que vamos chamar de cultura ouvinte, criou, historicamente, um estereótipo de incapacidade, de deficiência, para o surdo. (PERLIN, 1998, p. 54).

O estereótipo do surdo faz com que as pessoas se opunham, às vezes inconscientemente ou até mesmo por falta de conhecimento, e evitem a construção da identidade surda, cuja representação é o estereótipo que acaba por distorcer e confundir sua identidade.

Muitas vezes, o sujeito surdo transita entre as culturas, a surda e a ouvinte, no entanto, sua identidade se constitui com a consciência de ser definitivamente diferente por necessitar de recursos completamente visuais. Essa oscilação entre os surdos e os ouvintes faz com que o sujeito constitua, por vezes, sua identidade de forma fragmentada.

Skliar (1998) chama esse processo de identidade flutuante, em que o surdo não está a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação oral, nem da comunidade surda por falta da língua dos sinais. Dessa forma, o sujeito surdo acaba construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso



tempo, mas sem um elemento integrador com a linguagem e sua capacidade de significação.

Já Perlin (1998) elucida que nesta perspectiva a discussão sobre identidade surda não está desvinculada da cultura surda, a qual estaria relacionada ao processo de recriação de um espaço cultural visual. Ou seja, este próprio grupo minoritário se articula e naturalmente, na medida em que os surdos legitimam sua língua e sua comunidade, através dessa convivência em grupo ocorre o nascimento da cultura surda (arte, humor, teatro, poesia etc.). A autora ainda acrescenta que é necessário manter uma posição intercultural mesmo que seja de riscos, pois a identidade surda se constrói e se enraiza dentro de uma cultura visual. Logo, essa diferença precisa ser compreendida não como uma construção isolada, mas sim como uma construção multicultural.

Contudo, estudos sobre os surdos mostram que boa parte do que é distintivamente humano no homem – suas capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e cultura – não se desenvolve de maneira automática, não se compõe apenas de funções biológicas, mas também tem origem social e histórica. Essas capacidades são, como afirma Sacks (1998, p. 11), “um presente – o mais maravilhoso dos presentes de uma geração para outra”.

Sobretudo só podemos considerá-lo como presente se ele vier/for entregue pelos nativos da sua comunidade. Já o contrário ocorre no caso de comunidade externas, como quando com ouvintes e surdos, pois como Skliar (1998) nos apresenta em seu texto, partindo do pressuposto de que o surdo é assistido sob uma ótica antropológica, histórica e social. Logo o autor aborda a questão da surdez, problematizando e questionando a constante rotulação da própria surdez como deficiência.

Tais fatos, como os apresentados por Skliar (1998) além dos demais já apresentados por Perlin (1998) e citados acima, corroboram com a formação do sujeito surdo como um cidadão e um sujeito social. Como por exemplo, Skliar aponta



para a existência de uma ideologia dominante, criada pela cultura oral, que impõe ao surdo seu modo de vida. Uma ideologia que define o surdo com supostos traços negativos, com rótulos do tipo: desvio de normalidade, falta e deficiência. Um astigmatismo que, segundo o autor, contamina a educação desenvolvida para os surdos. A surdez historicamente é apontada como uma diferença a ser politicamente reconhecida, uma identidade.

Outro fato interessante é que se entrelaça com os objetivos deste artigo é o relato de que em muitos momentos durante o curso de Pedagogia, cursado por uma das autoras deste artigo, a mesma se sentia confusa sobre sua própria identidade, não havendo convívio com outros surdos e ocorrendo uma relação constrangedora com os ouvintes. Nos grupos de trabalhos, os colegas se afastaram, quando muitas vezes a aluna surda não conseguia entender a comunicação de professores, pois a linguagem/língua do professor era difícil para a compreensão da mesma. Outro fato interessante e até mesmo indignante é que além disso, alguns professores reclamavam da sua escrita, e diziam que ela precisava estudar a língua portuguesa. Tais professores não conheciam nem aceitavam a escrita surda, criada por sua identidade e cultura. Esse tipo de situação ocorreu durante todo o curso de graduação, o que, agora concluído, reforça o seu empenho em continuar a luta por uma universidade mais inclusiva para todos os surdos que pretendem ingressar na universidade.

Um professor da classe regular com surdos integrados pode representar interpretações variadas, conforme as diferentes culturas e diferenças sociais representadas em aula. Um professor frente a um aluno ouvinte, por exemplo, pode ser entendido como uma mera chamada para que este volte a prestar atenção na aula. A mesma atitude frente a um aluno surdo, que já possui um rótulo de incapacidade comunicativa, cognitiva e outros, pode fortalecer o isolamento deste perante a turma, o fortalecimento do rótulo de incapacidade, a dependência do surdo de um ouvinte e outros.



A política de integração do MEC prevê princípios de igualdade através da união entre surdos e ouvintes na escola. Tal incumbência cabe aos professores, porém sabe-se que a integração não se consolida através de uma simples inserção do surdo na sala de ouvintes. Ao contrário, ela implica muitas questões, principalmente comunicativas, entre os indivíduos presentes.

A ideia de integração passa pela inserção do surdo na sala de aula dos ouvintes. Os professores, talvez por desinformação ou por não terem acesso à participação em grupos de surdos, acabam por ignorá-los na sala de aula.

A comunicação do surdo com os colegas de sala de aula pode representar, para os professores, uma ameaça que é justificada por eles como uma dificuldade, devido à deficiência do surdo. Entende-se que a comunicação oral, para o surdo, é deficiente, mas também se sabe que isto em nada atrapalha o seu desenvolvimento escolar. Isto é, não atrapalha se a escola e os professores conseguirem perceber que para o processo de ensino-aprendizagem do surdo, a língua, a metodologia e o currículo devem estar adaptados à sua especificidade comunicativa.

Diante das expectativas familiares, sociais e do mundo do trabalho em relação ao longo e complexo processo educativo escolar, o surdo se vê obrigado a acompanhar, participar, e integrar-se a um meio que nem sempre o atrai. A impossibilidade de escolha do surdo em participar ou não de escolas, de classes de ouvintes nos faz perceber situações, tanto atuais como antigas, acerca do desastroso fracasso educativo e das políticas de integração social e escolar.

O fracasso educativo é visto pela comunidade escolar como sendo de responsabilidade dos alunos. Alguns aprendem, têm boas notas e vão bem na escola; outros, integrando uma mesma turma, não alcançam o mesmo êxito. Para a escola observada esta realidade é aceita e interpretada como se o aluno não tivesse condições de desempenhar suas funções. Não há nada mais cruel do que justificar o fracasso escolar do surdo pela sua diferença.



O fracasso educativo dos grupos desrespeitados em nossa sociedade demonstra que a instituição escolar está voltada para o fortalecimento das relações de supremacia de poderes e de culturas. No caso dos surdos, a cultura se dá através da utilização da língua de sinais, todavia, na escola de ouvintes esta lhe é negada, e geralmente vai ocorrer o fracasso escolar educativo. No entanto, vale ressaltar que tal fracasso não será do aluno, mas sim do sistema educativo.

Para poder integrar uma turma de ouvintes, o surdo necessita tanto falar o português quanto fazer uma boa leitura labial. Todavia, apesar de estes serem critérios para a “integração”, nem sempre as atitudes dos professores conseguem corresponder a tais necessidades. É importante pensar na interlocução comunicativa existente em sala de aula. É fácil pensar que a interlocução entre ouvintes é tarefa fácil, pois estes detêm a fala, mas é difícil imaginar a mesma situação entre ouvintes e surdos.

Os surdos podem aprender o português escrito, porém, suas habilidades de articular palavras não garantem o sucesso da integração, e sim o reconhecimento das diferenças, dos limites da comunicação oral pelos surdos e o início do respeito e da sua aceitação pela sociedade ouvinte e pela escola.

A integração escolar do surdo ocorrerá quando os professores ouvintes tiverem consciência de que não são “donos de verdades” nem possuem o poder de decisão sobre os rumos que a integração deve tomar. Contudo, para que essa consciência cresça nos professores é necessário que os surdos, organizados entre si, demonstrem suas expectativas, vontades e decisões e, também, que os professores ouvintes exerçam o seu papel.

Nas diferenças linguísticas e culturais dos surdos e nas políticas de integração encontram-se as possibilidades de valores na educação, que permitem que o surdo seja capaz de integrar um grupo comum.



## **1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS**

Nesta subseção, partimos para a apresentação da pesquisa de campo realizada em duas escolas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, localizadas no município de Criciúma (estado de Santa Catarina), e que trabalham com alunos surdos. O trabalho envolveu uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental (classe bilíngue), e outra turma do 2º ano do Ensino Médio (classe inclusiva).

Para a coleta de dados foi utilizada a observação, entrevistas com os alunos surdos e aplicação de questionários aos professores ouvintes e aos intérpretes. A observação na turma de 4º ano do Ensino Fundamental aconteceu durante cinco dias e no 2º ano do Ensino Médio durante três dias.

### **1.1 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO NA CLASSE BILÍNGUE E NA CLASSE INCLUSIVA**

Como parte do processo metodológico de aplicação desta pesquisa passamos pela observação da classe bilíngue e também da classe inclusiva. Sendo que os roteiros de observação foram:

#### **Roteiro de observação de classe bilíngue – turma de alunos surdos**

1. Como o professor interage com os alunos surdos em sala de aula?
2. Como ocorre a interação entre os alunos surdos e os ouvintes?
3. O professor demonstra segurança e habilidades (inclusive na língua de sinais) para trabalhar e mediar a aprendizagem dos alunos surdos?

#### **Roteiro de observação de classe inclusiva – turma regular com intérprete**





1. Como ocorre a mediação do professor em sala de aula?
2. A atuação do intérprete permite que professor e alunos tenham uma boa comunicação?
3. Os alunos sentem-se contemplados em seus direitos linguísticos com a atuação da intérprete?

A turma do 4º ano do Ensino Fundamental, que conta com dezoito alunos surdos, foi observada durante cinco dias, seguindo um roteiro de observação pré estabelecido, disponível no apêndice deste artigo.

Nessa escola, os alunos surdos são separados dos alunos ouvintes (divisão proposta pelos surdos), pois os próprios surdos não aceitam que o professor não faça uso da língua de sinais. O professor dessa turma de 4º ano trabalha as duas línguas (língua portuguesa e língua brasileira de sinais – LIBRAS).

A sala dos alunos surdos não parece apresentar grandes dificuldades, e a aprendizagem ocorre normalmente. Os alunos aprendem na aula e participam das atividades e dos trabalhos, no entanto, a maioria tem dificuldades com a língua portuguesa. Eles têm entre oito e dezesseis anos, sendo sete meninos e onze meninas. Todos se consideram iguais, sem preconceito, pelo fato de serem todos surdos.

Na relação professor x aluno, a maior dificuldade, segundo a professora, é ensinar a Língua Portuguesa, pois ela deve trabalhar os nomes dos objetos, os quais também possuem um sinal pelo qual eles entendem os significados, no entanto, encontram dificuldades na escrita do português.

A grande dificuldade dos alunos surdos na escrita da língua portuguesa se dá porque eles a relacionam à língua de sinais. Os alunos surdos tendem a escrever a língua portuguesa com a mesma estrutura da língua de sinais, e, conforme o estudo apresentado no referencial teórico, sabe-se que para o surdo a língua portuguesa é



a segunda língua, a primeira é a língua de sinais, que organiza e direciona sua escrita.

Nessa turma, a professora sempre procura trabalhar com língua portuguesa e matemática, pois são as duas disciplinas mais difíceis. A professora é atenciosa e carinhosa com os alunos, além de bastante prestativa durante as aulas; se os alunos apresentam dificuldade na produção de textos e na língua portuguesa em geral, a professora sempre procura tirar as dúvidas dos alunos e buscando ouvir a opinião deles. A interação dos alunos surdos ocorre em sala de aula somente entre eles, não ocorrendo interação com alunos ouvintes, pois estão em salas diferentes. Há contato apenas nos intervalos.

Na interação aluno x aluno há o respeito às dificuldades de cada um, pois as dificuldades são as mesmas e a linguagem é de todos. Percebe-se que nessa escola o ensino nas séries iniciais exclusivamente para surdos é feito por professores bilíngues, além de contar também com o auxílio de instrutores surdos para orientar e auxiliar o trabalho. Nas demais séries os surdos estudam junto com os ouvintes, porém com o acompanhamento de intérpretes.

A outra escola estadual que trabalha com a classe inclusiva, também no município de Criciúma (SC), conta com seis alunos surdos e 25 alunos ouvintes, que estão no 2º ano do Ensino Médio. Essa turma foi observada durante três dias seguindo um roteiro de observação pré-estabelecido, também disponível no apêndice deste artigo.

Na sala de inclusão os alunos surdos estão junto com os ouvintes, mas as dificuldades dos alunos surdos são maiores do que as dos alunos ouvintes apenas por questões de comunicação. Alguns professores não dão atenção aos alunos surdos, mas a maioria é atenciosa e está sempre observando as atividades quando os alunos surdos terminam. Observou-se que alguns professores explicam muito rápido e a intérprete se perde, não conseguindo acompanhar a explicação dos conteúdos da disciplina.



Nessa escola há uma intérprete que acompanha o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, dando o auxílio necessário de que precisam para realizar as atividades propostas.

Quando a intérprete precisa se ausentar da sala os alunos surdos ficam um pouco apavorados, porque não entendem o que o professor está explicando. Alguns alunos ouvintes gostam de ficar junto com os alunos surdos e por isso se interessam em aprender a língua de sinais, assim também ajudam e explicam as atividades propostas aos colegas surdos.

No tocante à interação dos alunos surdos com os demais alunos, como mencionado anteriormente, alguns se interessam pela língua de sinais e respeitam os colegas; ao passo que outros não respeitam as suas dificuldades e limitações. Isso normalmente acontece quando a professora não realiza um bom trabalho de interação em sala de aula.

A parte das atividades em grupos é um pouco complicada, pois os alunos ouvintes não querem fazer trabalhos com os surdos, e os surdos sempre fazem trabalhos em grupos de surdos, apenas aqueles ouvintes mais abertos aceitam trabalhar junto com os surdos.

Escola inclusiva, conforme explicitado em nosso referencial, é aquela que possibilita a interação dos alunos surdos com os ouvintes, aprendendo os conteúdos próprios e, além disso, promovendo a apreensão dos conhecimentos e a participação de todos nessa construção, garantindo aos surdos e aos ouvintes a possibilidade de aprenderem juntos.

## 1.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS COM OS PROFESSORES DAS CLASSES BILÍNGUES E INCLUSIVAS



Os questionários foram respondidos pela professora regente da classe bilíngue e pela professora regente da classe inclusiva das classes observadas nas duas escolas selecionadas da rede estadual no município de Criciúma - SC.

Os questionamentos realizados foram:

1. Quais são as dificuldades encontradas (metodológicas de aprendizagem) vivenciadas por você no trabalho com o aluno surdo?
2. Na sua opinião, quais são os aspectos a serem superados para que os educandos surdos efetivem verdadeiramente a aprendizagem?
3. Você acredita que os surdos estão incluídos nessa proposta de trabalho?
4. Qual a concepção dos professores e da instituição escolar em relação à capacidade de aprender dos alunos surdos?

Ao questioná-las sobre a sua formação e o tempo que trabalham com alunos surdos, a professora da classe composta apenas de alunos surdos respondeu que é graduada em Pedagogia e trabalha há muito tempo com alunos surdos.

Segundo relato dos professores da escola inclusiva, todos são formados em graduação, alguns deles já trabalham com os alunos surdos e os outros estão começando a trabalhar com esses alunos.

Quanto à interação, alguns professores da escola inclusiva dizem que ela acontece naturalmente. Alguns alunos ouvintes têm preconceitos enquanto outros não; alguns ajudam e outros não. A relação entre os alunos ouvintes e os alunos surdos não é muito boa, mas há ouvintes que interagem e há troca de informação. A professora da escola inclusiva utiliza técnicas que mostram à turma que não é apenas os surdos que precisam de ajuda, mas sim que assim como todos os alunos eles também precisam de auxílio e que todos apresentam algum tipo de dificuldade.



Ao questionar a professora bilíngue da classe de alunos surdos, chama a atenção às dificuldades metodológicas de aprendizagem vivenciadas pela professora no trabalho com esses alunos. A principal é a falta de conhecimento por parte do educando surdo da sua língua materna (LIBRAS), além da experiência de alunos mais velhos, que buscam a sala bilíngue depois de terem fracassado na língua oral. A língua de sinais, como qualquer outra língua, precisa ser vivenciada desde muito cedo, preferencialmente desde bebê, e a falta da língua materna atrasa o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social.

Ao questioná-la sobre os aspectos a serem superados para que os educandos surdos efetivem verdadeiramente a aprendizagem, a professora respondeu que não faz sentido privar a criança surda da língua oral, pois é essencial para viver em sociedade e até mesmo em família. Atualmente os recursos tecnológicos vêm ajudando muito o educando surdo. A professora bilíngue pensa que falta uma metodologia de oralização adaptada ao bilinguismo. Segundo ela, é preciso um método que considere as aquisições conceituais realizadas pelas crianças surdas através da LIBRAS que é uma língua viva, real e não fragmentada, e, como segunda língua, o português.

Ao ser questionada sobre acreditar que os surdos estão incluídos nessa proposta de trabalho, a professora bilíngue acredita que sim, pois a proposta bilíngue de educação dos surdos leva em consideração a opinião dos surdos com relação ao processo educacional. A professora da classe de alunos surdos, por sua vez, considera ótima a proposta, porém faltam recursos tecnológicos, assim como capacitação aos profissionais que permitam acesso mais rápido do surdo à comunidade ouvinte.

Quanto à concepção dos professores sobre a capacidade de aprendizagem dos alunos surdos, a professora respondeu que acredita que hoje o educando surdo é visto na instituição escolar como indivíduo diferente e não como deficiente, e que



as potencialidades podem ser desenvolvidas, desde que seus direitos linguísticos sejam respeitados. E esse direito é o direito ao bilinguismo.

Os mesmos questionamentos foram feitos aos professores da classe inclusiva na turma do Ensino Médio. Eles responderam que as dificuldades estão nas metodologias de aprendizagem adotadas no trabalho com os surdos para interpretar a escrita e eles, os professores, conhecem muito pouco de LIBRAS, e por isso não conseguem entender o que os alunos surdos querem dizer ou perguntar. Os professores da classe inclusiva reivindicam mais cursos de LIBRAS e que sejam mais bem divulgadas formas de se trabalhar com alunos surdos bem como formas de integrá-los com os colegas de sala de aula (ouvintes).

Os professores não acreditam que os surdos estejam inclusos na proposta de trabalho, porém já conseguiram alguns avanços, principalmente tendo uma intérprete na sala de aula para transmitir a eles o que é dado, melhorando a capacidade do aluno surdo de apreender os conteúdos das disciplinas junto com a intérprete de língua de sinais.

Essa discussão nos remete a Goldfeld (2002) quando o autor afirma que “a língua de sinais seria a única língua que o surdo poderia dominar plenamente e que serviria para todas as suas necessidades de comunicação e cognitivas” (p. 41). Conclui-se que a escola inclusiva é o caminho do trabalho com a diversidade, ao passo que a inclusão é a mudança do nosso olhar para aceitar todas as diferenças na construção de um mundo melhor.

### 1.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO COM A INTÉRPRETE

O questionário que colaborou com a produção deste texto foi aplicado com a intérprete da classe inclusiva de uma escola da rede estadual no município de Criciúma, no 2º ano do Ensino Médio. Sendo que o mesmo continha os seguintes questionamentos:



1. Quais são as dificuldades encontradas em seu trabalho, como intérprete, entre professores ouvintes e alunos surdos?
2. Como você tem buscado solucionar essas dificuldades em seu trabalho cotidiano?
3. Qual a sua concepção de surdez em relação à capacidade de aprender dos alunos surdos?
4. Quais são os pontos positivos e/ou negativos em relação a esse trabalho? Ou seja, nessa busca pela inclusão dos surdos?

Das análises realizadas diante das respostas obtivemos as seguintes considerações que seguem.

Ao ser questionada sobre as dificuldades encontradas em seu trabalho, como intérprete entre professores ouvintes e alunos surdos, ela argumenta que existe uma boa mediação do professor ouvinte na sala de aula; e ela como intérprete garante uma boa comunicação na sala inclusiva entre professor e alunos surdos.

A intérprete argumenta que encontra dificuldades porque os alunos surdos travam discussões com ela em relação aos assuntos abordados, em vez de ser com o professor. O mais grave é que por vezes o próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos. A intérprete busca no trabalho cotidiano novos conhecimentos para poder repassar através da LIBRAS os conteúdos que o professor regente ensina a toda a turma.

Questionada sobre como tem buscado solucionar as dificuldades em seu trabalho cotidiano, a intérprete explicou que procura dialogar com o professor titular para que o professor ouvinte entenda que o ensino ao aluno surdo não é de responsabilidade do intérprete e sim do professor.

Quanto à sua concepção de surdez em relação à capacidade de aprender dos alunos, a intérprete respondeu que conhece o processo ensino-aprendizagem do



aluno surdo. Segundo ela, o surdo torna-se mais lento em virtude de seu vocabulário ser reduzido, dificultando assim o seu processo de aprendizagem.

Em relação aos pontos positivos e negativos no seu trabalho, a intérprete respondeu primeiramente os pontos positivos: com o auxílio de um intérprete o surdo consegue compreender melhor tudo o que acontece ao seu redor (na sala de aula), facilitando assim o processo ensino-aprendizagem. A busca pela inclusão do aluno Surdo é a cada dia conquistado, pois essa conquista não acontece de imediato e sim gradativamente. Quanto ao ponto negativo, no seu entendimento, trata-se da superlotação da sala de aula, dificultando a comunicação dos surdos.

Acredita-se, assim, que o intérprete em sala de aula representa uma conquista dos surdos, porém, os professores precisam assumir seu compromisso com o ensino de todos os alunos, inclusive dos surdos: a intérprete atua como mediadora na comunicação, e a responsabilidade com a aprendizagem dos alunos é papel do professor.

Ou seja, como exposto por Silva e Oliveira (2016):

Diante disso, ao discutirmos a interpretação no espaço escolar, é importante levar em consideração o contexto de enunciação: uma sala de aula, que historicamente se constitui como um lugar de ensino e de aprendizagem, onde devem ser desenvolvidas práticas educativas que levem em consideração determinadas concepções e procedimentos didáticos que favoreçam a apropriação de certo conteúdo pelos alunos. Além do contexto de enunciação, ressaltam-se os interlocutores – alunos, professor e intérprete – cada um com um lugar social institucionalmente marcado, uma história de vida delineada e expectativas por vezes diferenciadas no contexto enunciativo. (2016, p. 706)

Logo, compreendemos que o esforço coletivo entre os profissionais envolvidos é que gera ainda mais resultados quando falamos na educação dos surdos. Os lugares sociais assumidos pelos profissionais além do seu comprometimento é que enriquecem o processo.





#### 1.4 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOS

Da entrevista realizada com alunos surdos, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Como você se sente em relação a esse processo de ensino?
2. Você está aprendendo com mais facilidade ou ainda não se sente atendido em suas necessidades como aluno surdo?
3. Quais são suas maiores dificuldades para realmente aprender convivendo com professores e colegas ouvintes?
4. Qual a sua opinião em relação ao processo de inclusão?
5. Quais são as barreiras que atrapalham a verdadeira inclusão e a aprendizagem?

As entrevistas foram realizadas com alunos surdos da classe inclusiva do Ensino Médio da rede estadual da referida escola já citada, sendo que foram selecionados aleatoriamente quatro alunos surdos para a participação na entrevista. Na entrevista os alunos surdos responderam em Língua de Sinais (L1), da mesma forma que a entrevistadora. A conversa com os alunos surdos ocorreu com tranquilidade, em alguns casos, algumas perguntas específicas em que eles se confundiam e não entendiam, a pergunta era interpretada de outra forma, o que os ajudava a compreender.

Primeiramente, foi perguntado aos alunos surdos como eles se sentem em relação ao processo de ensino. Todos responderam a mesma coisa: se sentem mal, não conseguem entender os professores explicando as matérias e também não gostam de estudar na classe de ouvintes porque isso atrapalha os seus estudos. Eles conseguem se relacionar com o ensino da intérprete, mas não com os



professores. Também responderam que quando a intérprete não comparece na sala de aula eles ficam apavorados e não conseguem entender as explicações do professor.

A pergunta seguinte foi se estão aprendendo com mais facilidade ou ainda não se sentem atendidos em suas necessidades como alunos surdos. Novamente, todos responderam da mesma forma, dizendo que os professores não conseguem atender os alunos surdos na comunicação, e eles, os surdos, não conseguem entender os colegas e professores ouvintes. Na sequência, para cada aluno surdo foi dirigida a mesma pergunta: quais são as suas maiores dificuldades para realmente aprender convivendo com professores e colegas ouvintes? Todos responderam que os alunos surdos têm dificuldades de aprender com professores e colegas ouvintes porque eles atrapalham a sala de aula. Segundo eles, os alunos surdos não conseguem aprender na sala com muitas conversas, isso atrapalha os estudos.

Quanto à opinião dos alunos surdos em relação ao processo de inclusão, todos afirmaram que a inclusão é importante para a comunicação em LIBRAS entre os colegas e professores ouvintes, embora tenham argumentado que não gostam de estudar junto de colegas ouvintes, porque eles atrapalham, além disso, os colegas ouvintes sempre se afastam dos surdos.

Essa postura unânime dos surdos revela o sofrimento e a discriminação vivenciados nas escolas regulares, pois, apesar de considerarem a inclusão positivamente, não querem fazer parte dela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste artigo, através da pesquisa de campo e coleta de dados, foi uma excelente oportunidade para a aplicação de alguns conteúdos estudados



durante a trajetória do período acadêmico, bem como oportunizou, como consequência, um crescimento tanto pessoal como profissional. Além disso, proporcionou o contato com professores corajosos, esforçados e verdadeiros educadores. Profissionais estes que, como já mencionamos, estão comprometidos com o processo da educação dos surdos. Mas infelizmente também presenciamos e conversamos com outros profissionais que não estão tão comprometidos assim.

Como Silva e Oliveira (2016) apresentam:

Ao trabalhar com os estudantes surdos no espaço escolar, o intérprete de Libras passa a ter um compromisso com a construção do conhecimento desses alunos, interpondo-se como um mediador nesse processo, o que traz novos desdobramentos para sua atuação profissional. Nesse sentido, uma vez que o intérprete está inserido na escola, o trabalho de tradução, interpretação e o trabalho docente, de certa maneira, articulam-se na atuação desse profissional, produzindo novas configurações. (2016, p. 698)

Mas podemos estender a fala de Silva e Oliveira não somente ao intérprete de Libras, afinal ele não é o único dos agentes que trabalham e exercem a sua profissão diante dos alunos surdos. Equipe pedagógica, professores das disciplinas regulares e demais profissionais das escolas devem estar envolvidos no processo, compreendendo como se dá a educação de surdos e quais as suas necessidades.

Entretanto, como conseguimos perceber nas escolas pesquisadas, apesar das diferenças entre profissionais e até mesmo dos métodos, todos continuam lá, estimulando ou não, resgatando ou não, os alunos, ouvintes ou não, porém especiais em suas singularidades. Aos educadores confiamos todas as crianças, com esperança de um futuro melhor, sem preconceito e com garantias, não apenas as previstas em lei, mas também as que asseguram a dignidade da vida.

A inclusão de alunos surdos vem acontecendo gradativamente nas instituições escolares; trata-se de uma tarefa necessária e constante na vida do educando. Por sua ampla função dentro do processo ensino-aprendizagem, merece



destaque. A escola inclusiva será realidade quando professores, alunos e toda a sociedade estiverem interagindo, aliados no processo ensino-aprendizagem, trabalhando juntos cooperativamente, com um objetivo em comum: a educação inclusiva, ou seja, uma educação mais humana. A inclusão, além de ser ética, é para todos, porque somos todos diferentes e com necessidades especiais em determinados momentos de nossas vidas.

No entanto, infelizmente ainda não alcançou todos os objetivos como instrumento para garantir a qualidade do conhecimento. Um dos problemas é a falta de preparo dos professores para trabalhar as diversidades existentes em sala de aula, pois as metodologias utilizadas não proporcionam suporte adequado para que os educandos consigam entender e elaborar o seu próprio conhecimento.

A inclusão do aluno surdo no ambiente escolar deve ser repensada dia a dia em função da totalidade do processo, de modo que auxilie tanto os educadores quanto os educandos. O professor deve permitir que o aluno surdo participe ativamente, tendo acesso ao contexto comunicativo eficaz, podendo comunicar-se da maneira que lhe convier, seja por sinais ou não.

Percebe-se também que as necessidades linguísticas e cognitivas dos educandos surdos estão aos poucos sendo inseridas no seu cotidiano e, através da língua de sinais – LIBRAS, é possível uma melhor compreensão também da língua portuguesa como segunda língua. Mas, faz-se necessária uma mudança de paradigma: a escola e o professor precisam preparar-se para atender as diferenças das pessoas surdas, e o seu direito linguístico.

Tendo um aluno Surdo, a escola deveria trabalhar com outros recursos, no caso estímulos visuais, pois não é regra que só se aprende pelo ouvir. Em consequência disso, a prática avaliativa também deixa a desejar. Muitos professores afirmam concordar que o aluno realize suas avaliações em outra sala, com alguém capacitado em língua de sinais. Na prática isso não acontece, por falta de pessoas



especializadas nessa ação pedagógica. Enfim, é utopia pensar que isso possa se realizar num tempo próximo.

Só haverá inclusão quando professores, alunos e toda a sociedade estiverem interagindo como aliados no processo ensino-aprendizagem, com um mesmo objetivo, ou seja, a construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- LODI, Ana Claudia B; LACERDA, Cristina B.F. de (Orgs). **Uma escola, duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- PERLIN, Gladis T. T. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SACKS, Oliver W. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Keli Simões Xavier; OLIVEIRA, Ivone Martins de Oliveira. **O Trabalho do Intérprete de Libras na Escola**: um estudo de caso. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 695-712, jul./set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661085>. Acesso em 13 dez 2019.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.